

AS POLÍTICAS DE REFORMA AGRÁRIA NO GOVERNO LULA E A LUTA PELA CONQUISTA E PELA PERMANÊNCIA NA TERRA EM PROMISSÃO/SP.

Thaylize Goes Nunes Pereira¹
Mirian Claudia Lourenção Simonetti²

Resumo: Este trabalho é fruto da conclusão de minha dissertação e tem por objetivo compreender as Políticas de Reforma Agrária do Governo Lula entre os anos de 2003-2010, e a visão acerca delas pelos protagonistas da luta pela terra no Estado de São Paulo. Comparamos os depoimentos dos acampados, assentados e lideranças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, do Assentamento Reunidas e do Acampamento Argentina Maria, localizados na cidade de Promissão/SP. Constatamos que entre esses segmentos de protagonistas da luta pela terra que compõem o MST, não há uma visão uniforme sobre as políticas de Reforma Agrária do Governo Lula. Entre os acampados percebe-se a decepção com relação à demora ao acesso a terra e também com a não efetivação de políticas públicas onde eles sejam contemplados, e assim, seus depoimentos expressam o abandono que os mesmos sentem por parte desse Governo. Já, os assentados, se sentem contemplados com alguns programas do Governo, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), entre outros, mas ainda assim, os mesmos tecem críticas ao Governo porque acreditam que ele poderia ter contribuído mais para a realização da Reforma Agrária, principalmente com um melhor planejamento das políticas de produção, comercialização e escoamento de seus produtos agrícolas. Observa-se assim, que os acampados, assentados e lideranças do MST, constituem segmentos diversificados dentro do movimento, e que embora o movimento tenha o acesso à terra como objetivo maior de sua existência, tanto os assentados como os acampados, e respectivamente as lideranças do acampamento e assentamento possuem demandas e avaliações diferentes com relação às Políticas de Reforma Agrária do Governo Lula.

Palavras-chave: Acampamento Argentina Maria; Assentamento Reunidas; Reforma Agrária; Governo Lula.

Introdução

Este trabalho é fruto das pesquisas que deram origem a minha dissertação que pretendeu compreender o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e a sua relação com os dois governos Lula. Para tanto, foram analisadas as Políticas de Reforma Agrária do Governo Lula entre os anos de 2003-2010, e a visão acerca delas pelos protagonistas da luta pela terra no Estado de São Paulo. Para realizar a pesquisa consideramos duas vertentes, divididas em teórica e empírica. A empírica foi realizada através da coleta de depoimentos junto aos diferentes segmentos que compõem o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Estado de São Paulo, a saber, os acampados, assentados e lideranças. A pesquisa teórica se fundamenta no método

¹ Bacharela e licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC/UNESP/Marília. Mestra em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe pelo Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais – IPPRI/UNESP. Doutoranda do PPG em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC/UNESP/Marília. A pesquisa contou com o financiamento de bolsa de mestrado pela FAPESP.

² Professora da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília. Vinculada ao PPG em Ciências Sociais da UNESP/Marília e ao PPG em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe do IPPRI/UNESP. Coordenadora do Centro de Pesquisa e Estudos Agrários e Ambientais – CPEA.

dialético que conceitua que os fatos não podem ser considerados fora do contexto histórico, social, político, econômico (SILVA, 2001; MINAYO, 1993). Utilizamos o embasamento teórico e metodológico fornecido principalmente pelos autores: Bernardo Mançano Fernandes, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, José de Souza Martins, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Rogério Haesbaert, Mirian Claudia Lourenção Simonetti e demais autores, que possuem uma discussão sobre a problemática em análise.

Ainda nesta primeira etapa, analisamos os dados disponíveis nos Institutos de Pesquisa tais como: Núcleo Estudos da Reforma Agrária (NERA), Instituto de Pesquisas Aplicadas (IPEA), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD), Instituto Agrônômico (IA), Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP), dentre outros e também os dados do Centro de Pesquisa e Estudos Agrário e Ambientais (CPEA) a qual sou integrante. Analisamos nessa etapa também os Programas de Governo PT com ênfase no que diz respeito à Reforma Agrária.

A pesquisa empírica foi realizada através da coleta de depoimentos desses protagonistas, sendo eles, os assentados, os acampados, e lideranças do movimento pertencentes ao Estado de São Paulo, mais precisamente do Assentamento Reunidas e do Acampamento Argentina Maria. A escolha dos entrevistados se deu por participarem das discussões e das lutas travadas no âmbito do MST. Nossa análise se baseou nos anos entre 2003-2010, onde analisamos os dois mandatos do Governo Lula.

Os depoimentos foram colhidos através do Método da História Oral, que visou entrevistar mais profundamente alguns sujeitos da comunidade para a pesquisa, e não um conjunto de atores de uma maneira mais superficial.

De acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz, “[...] a narrativa oral uma vez transcrita, se transforma num documento semelhante a qualquer outro texto” (QUEIROZ, 1991, p. 5), incorporando assim o seu valor histórico a esses relatos. Desta forma, podemos captar os depoimentos dos protagonistas da luta pela terra do MST e “[...] registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não – conservado, o que desapareceria se não fosse anotado [...] o não – explícito, quem sabe mesmo o indizível” (QUEIROZ, 1991, p. 1-2). A coleta de depoimentos é a “[...] forma mais antiga e mais difundida de coleta de dados orais, nas ciências sociais” (QUEIROZ, 1991, p. 6), e nos permitiu compreender uma parcela da realidade de nossos entrevistados e a partir dos depoimentos constatar como esses avaliam esses oito anos de Governo, entendendo cada segmento de entrevistado dentro de seu contexto social.

Para a coleta dos depoimentos selecionamos três segmentos que se fizeram presentes como protagonistas na luta pela terra, sendo eles, os assentados, os acampados e lideranças, do MST pertencentes ao Acampamento Argentina Maria e ao Assentamento Reunidas, localizados na região Noroeste do Estado de São Paulo. Avaliamos que essa região possui suas singularidades dentro do movimento de luta pela terra. Assim, o Assentamento Reunidas, se fez como escolha por possuir 28 anos e ser um assentamento consolidado, e também por ter sido o primeiro a ser realizado no estado sob a égide do I Plano Nacional de Reforma Agrária, elaborado no Governo do presidente José Sarney. O Acampamento Argentina Maria também foi escolhido, por se localizar próximo a Promissão/SP, na mesma região do Assentamento Reunidas e por estarem acampados desde 2005 em luta por reforma agrária, mas também por se tratar de um acampamento que surgiu durante o primeiro mandato do Governo Lula. Optamos por coletar três depoimentos dos assentados e três depoimentos dos acampados, e também coletar o depoimento da liderança do MST no respectivo acampamento e assentamento. Na tabela abaixo podemos verificar o perfil de nossos entrevistados.

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados

	Nome	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Onde morava anteriormente	Onde Trabalha ou Trabalhou	Quantos anos está Acampado Ou Assentado
Acampado	Joaquim	52 anos	Casado	Ensino Fundamental Incompleto	Morava no campo antes de ir para o acampamento	Sempre trabalhou na roça; Trabalha em lotes no Assentamento Reunidas	Acampado há 9 anos
Acampada	Tereza	45 anos	Casada	Ensino Fundamental Incompleto	Morava na cidade antes de ir para o acampamento	Sempre trabalhou na roça; Trabalha em lotes no Assentamento Reunidas	Acampada há 9 anos
Acampada	Camila	22 anos	Casada	Ensino Médio Completo	Morava na cidade antes de ir para o acampamento	Foi para o acampamento na adolescência, nunca trabalhou fora do acampamento.	Acampada há 7 anos
Assentada	Francisca	48 anos	Casada	Estudante do EJA	Morava no campo antes de ir para o acampamento	Trabalha no seu lote	Assentada há 27 anos
Assentada	Janaina	22 anos	Solteira	Estudante Cursando Nível Superior	Nasceu no assentamento	Trabalha no seu lote quando está de férias da universidade	Assentada há 22 anos
Assentado	Pedro	49 anos	Casado	Ensino Fundamental Incompleto	Já morou tanto no campo quanto na cidade	Trabalha no seu lote	Assentado há 27 anos
Liderança Acampado	João	42 anos	Casado	Ensino Fundamental	Morava na cidade	Estava desempregado na cidade; Trabalha em lotes no Assentamento Reunidas e região	Acampado há 9 anos
Liderança Assentada	Ana	59 anos	Divorciada	Estudante do EJA	Morava no campo antes de ir para o acampamento	Trabalha no seu lote	Assentada há 27 anos

Fonte: PEREIRA, 2016, p. 178

Para realizar a coleta dos depoimentos das lideranças, partimos do pré-suposto que esse segmento possui um entendimento do Governo Lula em uma conjuntura mais global, porém, nosso intuito foi coletar os depoimentos das lideranças do acampamento e assentamento que estava sendo pesquisado, pois conseguiríamos realizar uma avaliação mais completa referente as políticas de reforma agrária na dimensão dos nossos dois universos de pesquisa.

Partimos também nessa pesquisa da premissa da complexidade existente para a execução da reforma agrária no Brasil, pois existe uma ampla diversidade de sujeitos sociais envolvidos com essa temática, como: os movimentos sociais, os agricultores familiares, os camponeses, os latifundiários, o Estado, etc., exercendo cada segmento uma ‘pressão’ sobre as decisões, para que tais rumos fossem tomados ou não. Esse fator faz como que sempre exista confronto entre os sujeitos da história quando se trata de decisões sociais que beneficiariam a maior parte da população, ou seja, existe uma série de tensões que surgem em virtude de interesses diferentes e projetos distintos que não contemplam a grande parte da população do país (SIMONETTI, 2014). Desta forma, devemos entender a reforma agrária e toda a temática em torno nesse trabalho, localizando-os sempre em um campo de disputa de poder.

‘Pai dos pobres e mãe de ricos’: A Reforma Agrária do Governo Lula.

Através dos depoimentos coletados entre os acampados, assentados e lideranças do MST, pudemos verificar como esses avaliam o Governo Lula no período de 2003-2010, indagando sobre quais foram os ganhos e retrocessos nesses mandatos para os acampamentos e assentamentos.

O acampado Joaquim logo que foi questionado sobre o que foi esse Governo, não hesitou nem por um minuto e respondeu,

Promessa e promessa, não foi? Promessa e promessa, agora a Dilma já fala que não vai é assentar mais ninguém e assenta o que tava na beira de estrada, nós ficamos na beira de estrada 11 anos, entendeu. Hoje em dia a gente não acredita em mais nada – se emocionou – é duro né, é duro! Então fica assim então. Em todo canto é assim, na cidade é pior que aqui, aqui eu trabalho um dia dois na semana, eu compro um pacote de arroz pra passa a semana, uma lata de óleo pra passa a semana, e na cidade que tem água luz tem tudo, e aqui da pra planta, aqui eu tenho uma abobora, um coisa ou outra. Aqui a terra é boa, eu tenho um porco no chiqueiro, tem alguma coisa né, mais assim, mais que é sofrido é, eu peço ate desculpa pra você porque, é duro.é complicado porque não dá a terra, não é nem dá é devolver, é devolver né!. (JOAQUIM, 2014).

A acampada Tereza seguindo a mesma lógica de avaliação do Governo Lula disse,

Não esta sendo praticamente nada, não fez nada pelo povo sem terra, pra mim não tenho nem nada a dizer sobre eles. [...] É acreditava né, mas com o passar do tempo ninguém viu nada, tem nada sendo feito pela gente. Pros assentados né, pra assentado pode até ter tido alguma coisa, mas pra quem esta acampado, não teve não. Você vê que até a cesta básica da gente é uma cesta básica a cada 6 meses, e olha que as vezes ainda vem a cada seis meses, as vezes nem vem [...]e assim é uma cestinha de nada que não da os seis meses. (TEREZA, 2014).

Camila também acampada reforça em sua fala o abandono por parte do Governo e nos trás novos elementos a serem pensados como, por exemplo, quando diz que só a reforma agrária foi abandonada, os latifundiários não.

Principalmente agora depois que a Dilma entrou, eu esperada que ela fosse assenta muito mais pessoas, porque no governo eu acho que a reforma agrária esta parada, porque ele (Lula) fez um assentamento só acho [...] do governo esta uma negação, uma merda, ele não fez nada pela Reforma Agrária, a não ser para os latifundiários, mas ao contrário pra reforma agrária ele não fez nada não. É uma decepção. Para os assentados teve investimento, mas para os acampados não, para os acampados não teve nada. (CAMILA, 2014).

Questionei que ela já estava acampada na época que o Lula se elegeu, e perguntei se ela se recordava desse momento no acampamento e o que o pessoal falava por lá, ela me disse que,

Sim, porque quando Lula entrou, era a prioridade dele também que ele disse, no ‘elego’ dele, ele disse que da parte dele, ele ia fazer assentamentos, que o pessoal acampado ele ia assenta, alias ele assento bastante, mas ele deixou um pouco a desejar também, igual à Dilma ela ta deixando a deseja em tudo, porque ate agora assentamento ela não fez. [...] nos já vai para 9 anos que estamos aqui

padecendo nesse acampamento aqui e eu vou fala uma coisa pra você, é difícil, é difícil para nós, porque, para os pobres a Dilma não esta fazendo porra nenhuma e não esta fazendo nada. Porque desde quando nos estamos acampados? Tem acampamento para tudo quanto é lado ai [...]. (CAMILA, 2014).

Questionando sobre os investimentos para a reforma agrária nesse governo, perguntei se esses 8 anos de Governo Lula eles tiveram alguma assistência ou alguma política pública para o acampamento, e ela me respondeu “[...] ajuda mesmo aqui foi pouca pros acampado né, porque para os assentados sim teve ajuda, os acampados não viram nada, tanto que não fizeram nada que nos estamos aqui”. E concluiu dizendo que “Achava que ia ser assentada mais rápido né, no Governo do Lula achei que poderia ser assentada, mas isso foi um engano porque vai fazer 7, 8 anos aqui que estamos aqui já” (CAMILA, 2014).

Perguntei então ao que ela atribuía isso, de ter passado os dois mandatos do Governo Lula sem ser assentada, e a acampada Camila me disse,

Que eles não tão fazendo nada, eu acho que é incompetência deles né, porque dinheiro eles tem né, dinheiro eles tem para poder assentar a gente, então eles não assenta mesmo por falta de interesse. Porque pros latifundiários, eles não vê onde tem dinheiro, eles não vê onde têm lógica, simplesmente eles tiram dinheiro do caixa e investi nos latifundiários, agora na gente eles pensam mais né, e sendo que o assentamento é quem produz o alimento que vai pra merenda escolar, que vai pros presídio, são todos os assentamentos que produzem, eu acho que eles podiam usar mais um pouco cabeça, acho que é uma incompetência deles mesmo, uma incompetência deles. [...] Nos tinha previsão da corredeira né! Então o INCRA ficou de vir da uma informação para nós, um parecer, mas nada, não veio também, não tem mais parecer, diz que não tem terra, estamos aqui exatamente, em outro assentamento, mas o que estamos pleiteando aqui? Nada!. (CAMILA, 2014).

Perguntei se ela sabia se o acampamento iria se mudar de lá, acampar em outra área para fazer pressão no Governo atual, e ela me respondeu,

Mas não tem para onde a gente ir né, a gente estamos aqui porque estamos sem eira nem beira, ai estamos aqui, porque não tem lugar pra gente ir, não tem área nenhuma, nos não ta pleiteando área nenhuma, porque isso que a gente esta aqui, porque não tem lugar nenhum pra ir. Ah, aqui fico nosso acesso de moradia, porque não ia ter pra onde ir, daí ficamos aqui. Aguardando ate aparecer alguma área, se aparecer alguma área daí a gente vai, para o governo ta sossegado. [...] Eu oro toda noite pra que Jesus abençoe para que possa mudar de estatuto, pra olha pelo menos por nós, né, para fala “aquele povo está lá acampado lá, vamos lá mudar o ritmo deles lá”, porque, estamos batendo na tecla aqui e sempre a mesma sempre a mesma, é difícil. (CAMILA, 2014).

Na entrevista com João, liderança do acampamento, ao falar sobre o Governo Lula ele me disse sobre a perspectiva de conseguirem ser assentados e também das dificuldades e do abandono sentido por ele e pelas famílias por parte do Governo.

[...] tem uma área que esta saindo em Altair, já tem dois anos, nós tivemos a proposta pra ir pra l, mas o que que acontece, dois anos no barranco, o que acontece, você esta ai na sua região, lá não tem serviço o pessoal esta saindo de lá pra vir trabalhar aqui e são 170km,

cidade pequena não suporta 80 famílias, não suporta né, e a espera é muito grande, muito grande. Sai terra, saiu terra lá perto de Agudos, saiu em Gália, mas ficaram também dois anos no barranco, mas é cidade pequena não suporta, quem tem família quem tem criança não vai se ariscar pela demora, que nem Altair esta saindo, daí você vai pra la, você sabe quanto tempo? Quem tem criança não vai se arriscar, quem tem família não vai se arrisca, porque aqui esta perto da sua cidade, tem o conhecimento, tem os assentamentos que esta perto e você tem serviço, não direto mas tem serviço e lá? Mas daí quando a terra sai mesmo, tá contemplado, já não tem mais vaga, daí você continua acampado, isso é um problema serio que nós enfrenta a demora, a demora [...] Então, se for pra eu sair daqui pra ficar dois anos em outro barranco, sem ter um parecer. Se você fala assim, esta saindo Altair, então dentro de 5 meses vocês estão dentro da área, você sabe que é 5 meses que você vai passar sufoco, mas não tem essa previsão, eles estão com dois anos lá e estão lá a Deus dará [...] a gente não tem condições né, então o que acontece não é porque a terra saiu e você não foi, o pessoal pensa muito a terra ta saindo lá mas vai demorar quantos anos, que nem nós saiu daqui da beira da pista e fomos pra corredeira, nos ficamos 4 anos e meio e sofremos um despejo imenso [...]. (JOÃO, 2015).

Perguntei a ele sobre as políticas públicas de reforma agrária no Governo Lula, se ele tinha conhecimento delas e se alguma tinha sido implantada na região, e ele me disse:

Não tem, não tem, hoje se você for plantar uma roça você tem que ter uma garantia, tem que ter uma garantia [...] se ele não tem como vende essa mercadoria, o que vai acontecer? Ele vai falir, ano que vem ele já não planta mais, o outro não planta mais, no outro não planta mais, a cidade vai joga os preços lá em cima dos produtos, esta faltando mercadoria, mas porque esta faltando mercadoria? Porque a roça não planta, e se roça não planta que nem o MST fala a cidade não almoça nem janta. Porque é que a pessoa vende, vende 4 5 8 alqueires porque ele não tem condições de tocar [...]. (JOÃO, 2015).

Conversando com João, liderança do acampamento, resgatei que esse acampamento tinha nascido no primeiro mandato do Governo Lula, e perguntei se ele conseguiria fazer uma avaliação sobre esses 8 anos de Governo, e ele me disse,

Na realidade ficou mais difícil, antes nos tinha na região e no país muita terra improdutiva, daí a gente teve essa febre da cana, não existe mais terra improdutiva, não existe, hoje se você vender um alqueire de terra por 50 mil reais, ano que vem ele vale 100, que hoje se não fosse esses assentamentos aqui era tudo cana, sabe quanto da de lucro, nossa senhora. [...] tem uma linha de credito do governo ela é muito boa, mas quando chega no final ela é barrada pela burocracia, essa 433 (lei) nossa mesmo aí da corredeira porque perdeu, porque ela não é em dinheiro ela é em titulo, você vai vender uma propriedade hoje pra que daqui 10 anos você acabar de receber, ninguém quer. Daí tem uma área, o fazendeiro fala quero x nessa área, o INCRA ta interessado, mas o INCRA paga em titulo em titulo não quero, daí vem um usineiro compra a área e paga com o próprio dinheiro do governo, porque o fazendeiro vai no MDA faz um financiamento pelo BNDES e o governo não consegue você esta entendendo. Nós temos que ter uma política mais voltada para a reforma agrária, tanto na

desapropriação de terra como na manutenção dos assentamentos. (JOÃO, 2015).

Porem ele faz também a avaliação de que para a reforma agrária, embora tenha feito pouco, o Governo Lula foi o melhor que já existiu, e disse,

Então, nos temos um problema político já, o governo Lula foi bom pra reforma agrária, a Dilma já não, ela tem um monte de crédito, mas a gente não consegue acessar [...] mas foi bem melhor que os outros, o governo Lula não teve igual, abriu muito credito pra assentado [...] A gente tem que tem uma política pública pros assentamentos mais fáceis de acessar. (JOÃO, 2015).

Perguntei a ele sobre as negociações e se existe alguma sinalização por parte do MST ou do Governo de sair o assentamento, João disse,

[...] nós estive lá em Brasília conversando com o ministro, e não resolveu [...] passa um melado na sua boca e tchau acabou, não tem mais nem o que fala com eles (o governo), nós precisa de uma solução, qual a solução? Não tem! Promessa é uma coisa! [...] São 28 famílias e tem família desde o começo, e as famílias vão se mantendo com o trabalho no assentamento aqui, porque não tem uma outra política do governo e a cesta básica não vem. [...] Mexer na lei é duro, e outra lá tem os pecuaristas também que não deixam, eles não deixam né [...] resumindo tudo isso daí, hoje não tem nem como também nos fazer mais pressão no governo, o que que acontece, numa estrada estadual não pode mais acampar, numa federal não pode mais acampar, municipal não pode mais também, se acampar na área dois anos de interdito, com 24 horas o juiz tira [...] era nove acampamentos, mas daqui uns dias não vai ter mais nenhum [...] é que o processo é lento [...] o juiz, se ainda ta pacifico ainda te deixam ali, mas se você começar fazer pressão por causa de uma área, alguma coisa o juiz vai lá e te arranca, mas se não fizer pressão e ficar quietinho, vai ficar lá pra sempre. (JOÃO, 2015).

Podemos notar assim, na fala dos acampados que realmente durante o Governo Lula não existiu auxílios para esse segmento, sem assistência com cestas básicas, ou presença dos órgãos do governo como, por exemplo, o INCRA. Vale ressaltar que o Governo Lula fez uma opção política de não fazer a reforma agrária por meio da desapropriação, e sim, principalmente, por meio da regularização fundiária, e essa política do governo gerou sérios problemas para os movimentos camponeses e para as famílias acampadas, pois com a maioria da criação de assentamentos por meio da regularização fundiária fez com que o tempo de acampamento das famílias aumentasse consideravelmente, onde, no decorrer desse processo, sem a presença de conquistas com novos assentamentos, muitas famílias abandonaram os acampamentos, o que fez diminuir ainda mais pressão do movimento contra o governo. A exemplo disso, entre os anos de 2000 a 2007, 583 mil famílias ocuparam terras no Brasil, sendo destas, 373 mil organizadas pelo MST. No ano de 2007, em torno de 70 mil famílias ocuparam terras, sendo que 45 mil organizadas no MST (DATALUTA, 2008).

A coordenadora do 6º congresso do MST de Marina Santos, declarou em uma entrevista que, “Ninguém aguenta mais esperar pra receber uma terra. Tem gente que está acampada há quinze anos e nada de ser assentado. O pessoal está preferindo trabalhar nas obras que surgem e, com isso, muita gente tem deixado o campo”. Esta situação escrita acima é de fato o que aconteceu com as famílias do acampamento

Argentina Maria, que começou sua luta com 420 famílias e após 10 anos de consecutivas derrotas da reforma agrária só restam hoje 28 famílias este acampamento.

Ficou claro no depoimento da acampada Camila e também foi visível nesse governo que os interesses dos latifundiários e dos sem-terra, de forma alguma seriam resolvidos pelo governo com uma política de conciliação ou através de acordos de um pacto social, onde, na disputa de poder dentro do governo, quem se deu melhor foi o agronegócio e sua bancada ruralista, ficando nítido seu favorecimento em detrimento da luta dos movimentos sociais.

Com a eleição de Lula e o início do II PNRA, Lula havia anunciado que até 2006, assentaria de 400 mil famílias; daria acesso a terra através do crédito fundiário para mais 130 mil famílias e, faria a regularização fundiária para outras 500 mil famílias. Todas essas promessas foram escutadas pelos acampados e reforçou a esperança que eles tinham que nesse governo popular eles conseguiriam finalmente ter acesso a terra. Porém como Joaquim e Tereza enfatizaram, foram promessas e promessas e na prática eles não viram acontecer praticamente nada.

Mesmo em 2003 o MDA dispo de R\$ 462 milhões, esse valor seria suficiente para assentar no máximo, 22 mil famílias, sendo que a meta do governo para até março de 2004 era de 60 mil famílias. O MST em 2003 reivindicava no ano o orçamento de R\$ 2 bilhões para assentar as 130 mil famílias acampadas neste ano, porém, de acordo com o Miguel Rossetto, ministro da época, seria necessário, no mínimo, R\$ 1 bilhão para cumprir a meta de 60 mil famílias e o governo não dispunha desse dinheiro.

A assentada Janaina disse que

Se for pra ver por visão geral assim, claro que todo mundo vai dizer que o governo Lula foi o melhor que já esteve, que fez muito coisa, é isso que todo mundo vai dizer, em questão de crédito, ajudou bastante de verdade, e que ajudou mesmo foi essa questão da parceria que fizeram com o movimento, que é o projeto da CONAB, que isso sim é estimou bastante o pessoal pelo menos a produzir seja em pequenas quantidades, mas quando você via o caminhão super farto, e antes as pessoas nem pequenas quantidades produzia pra vender assim, porque era bastante desestimulante, porque vendia pros atravessadores e perdia bastante, os preços são bem baratos, e como esse projeto é de compra com os preços que assim vale, estímulo bastante, porque pelo menos o pessoal já tinha uma renda fixa, pelo menos algo fixo, porque e meio complicado mesmo vive no sítio ainda mais que os projetos não são, basicamente não tem projetos, e a gente luta por projetos, porque de verdade, há gente tem a terra, conquista mas depois não tem o dinheiro pra trabalhar nela e fica complicado [...]. (JANAINA, 2014).

Janaina começa seu depoimento elogiando o trabalho do Governo, pois através de algumas políticas públicas desenvolvidas ou aprimoradas no Governo Lula, como, por exemplo, a CONAB, hoje o agricultor consegue ter pelo menos uma renda fixa, consegue produzir mesmo que for pouco e tem para quem vender seu produto e também tem a garantia do recebimento, sem ter que depender os atravessadores que acabam ficando com uma parte valiosa o lucro do agricultor.

A assentada Janaina também falou que o processo de conquista da terra é mais amplo do que eles pensavam, porque de nada adianta eles terem a terra, mas não terem como trabalhar nela, pois, assim como ela ressalta em seu depoimento, as famílias que vem para o assentamento são famílias que não possuem dinheiro para poder investir no lote e se não existir o auxílio por parte do governo para desenvolver e potencializar o trabalho dessas famílias na terra de nada adiantará a conquista da mesma.

[...] e essa é uma das questões que a gente foi ver depois da conquista da terra, que não era só a questão da conquista da terra, e sim, o que é que a gente vai fazer quando chegar nela, porque a gente depende muito do governo porque a maioria que já entro no acampamento é que não tinha trabalho ou que não tinha um dinheiro trabalho ou coisa assim, a maioria é bastante pobre, então a gente vai entra na terra e o que vai fazer dela, vai morre de fome? Tanto que foi o que mostro a Dilma falando que era a favelas rurais e que não queria mais isso, mas igual, eles não ajudam tanto com projetos assim pra produção [...] essas coisas já são meio complicadas, porque quando vocês vão ver de fato a terra se você não tem dinheiro, o que eu você vai fazer vai morre de fome? Então a família prefere aluga, seja pra gado ou pra outra coisa, pelo menos pra ter o dinheiro pra compra comida. (JANAINA, 2014).

Ela ainda nos coloca outra questão importantíssima referente à produção nos assentamentos, segundo ela, não adianta apenas ter a terra, da mesma forma como não adianta liberar vários créditos para os assentamentos, se esse dinheiro não vier respaldado de planejamento e técnicas que orientem o assentado como fazer para melhorar sua produção, conseguir ter lucro sobre o que plantou e não acabar perdendo todo o dinheiro com um investimento infundado. Assim a assentada Janaina descreve,

O que eu acho que não é só a questão de dar crédito né, é outras das questões que a gente vem discutindo no movimento, [...] o conhecimento técnico para que esses pudessem passar para os assentados, de uma forma de produzir melhor, de produzir orgânico, de como fazer adubo orgânico e todas essas questões mais que também teve esses problemas de que as pessoas se formavam no ensino superior e iam pra cidade e então já esqueciam os assentados. Então o que falta mesmo pros assentamentos é mais essa questão do conhecimento técnico é sobre como produzir melhor, por exemplo, das alternativas que tem sem ser, por exemplo, veneno ou como produzir semente orgânica, e ver essas questões, porque não são todos que tem esse conhecimento, então a questão não é só o crédito pra poder plantar não, e sim instruir mais os camponeses. (JANAINA, 2014).

O assentado Pedro também partilha da mesma opinião da assentada Janaina e me disse que,

[...] é aquela história, que fez uma coisa sem planejamento, porque se ele da tudo isso, deu casa e tudo tudo, porque que o cara vende? Por que? Porque na outra ponta não teve planejamento do que o cara ia plantar, no que o cara ia investir, não tinha uma indústria pra receber seu produto, não tinha onde vender, daí chega no final, que tudo que foi feito se perdeu, claro teve coisa nesse governo, teve habitação, teve um programa de terra que ele mediu 8 alqueires agora já reduziu para 4 alqueires, agora já estão fazendo de 2 alqueires, e no governo Dilma quase não assentou ninguém, e essa historia que ela deu entrevista eu acho que ela esta correta, porque se for pra assenta igual assento os outros governos, não só do governo Lula, mas os anteriores, chega pega joga na terra e depois não dar condições de vida, não adianta, então ela falou, só vou fazer reforma agrária no disse que alguém me apresenta uma coisa que vale a pena, que aquele que tiver assentado vai conseguir sobreviver da terra, ele vai ter condições de vida, eu vou dar condições de vida para ter o começo meio e fim, enquanto alguém

não apresenta um projeto dessa forma não vou fazer reforma agrária, não vou pegar um bando de gente, joga lá na terra, pra ficar lá passando necessidade, e eu acho que é correto, é por ai, não adianta, e o movimento tem que se unir pra isso, porque não adianta. (PEDRO, 2014).

E concluiu dizendo,

E outra, gente, o problema não é terra, o problema não é terra, o problema é como se sustentar em cima da terra, como fazer para dar terra pra esse povo e esse povo fica lá em cima? Se o problema fosse terra 8 alqueires e todo mundo tava rico. Se o problema fosse terra nós com 8 alqueires estava bem e não estava reclamando da vida. O problema não é terra é uma programação correta. Se ela quisesse hoje ela fazia assentamento em cima de assentamento, era só pega a reunidas inteira de 8 alqueires e dividir em 4, e em cima desses 4 fazer uma infraestrutura grande que você vai sobreviver, vou te dar todas as condições, mas vou te dar um prazo, com as condições que eu estou te dando se você não conseguir sobreviver, você vão ter que falar pra mim o porque vocês não estão conseguindo sobreviver, porque não adianta alguém chegar e pedir que eu faça alguma coisa, se não me ajuda, eu tenho terra, se alguém vem de fora, e vai fala esse cara é um vagabundo porque tem 8 alqueires e não faz nada, tem 8 alqueires e não planta nada, mas a historia não é ai, tem que chega nas família e pergunta o porque o cara não está plantando nada? Qual é o motivo? Porque não adianta eu querer plantar nos 8 alqueires se amanhã eu não vou conseguir cumprir com as minhas obrigações, não vou conseguir pagar o legado. Não vale a pena eu planta meu lote inteiro de milho, porque eu sei que o que eu to investindo eu não vou tirar, então é melhor ficar parado do que eu tentar fazer alguma coisa. Agora se eu tenho uma empresa aqui dentro seja do governo ou nossa mesmo, que me garanta que eu plante e amanhã ele compra minha produção, já esta garantido o preço, to plantando, mas já estou sabendo por quanto eu vou vender, estou investido e estou sabendo que por menos que eu possa perder eu consigo alçar com as dividas. (PEDRO, 2014).

Assim, ao fala sobre os investimentos do Governo Lula, o assentado Pedro disse que esse Governo foi muito bom em relação à liberação de créditos para os produtores rurais, que todo mundo do assentamento conseguiu acessar os créditos, porém, o simples acessar de crédito não conseguiu garantir a eficiência na produção, pois existia dinheiro, mas não existia planejamento do que fazer com esse crédito liberado, que foi onde muitos assentados contraíram dívidas e faliram e agora não conseguem produzir mais nada.

Então, o primeiro Governo Lula, e nos 8 anos do Governo Lula, claro, ele fez, ele jogou investimento pros assentamento inteiro, só que vai chega um momento que você tem que devolve isso pro governo, você não planejou, foi uma coisa sem planejamento, jogou dinheiro mas não tinha planejamento algum, você pegava dinheiro mas você não sabia no que você estava investindo, não sabia se ia dar retorno ou não, não se preocupo porque tinha 3 anos de carência e 7 para pagar o que você pegou, não se preocupou do que você tava plantando, se amanhã você ia ter alguém pra compra o seu produto, pra recolher esse dinheiro e depois pagar o governo, não somou se o que você estava pegando você conseguiria manter a família ter lucro e pagar no final, então uma coisa sem planejamento, você entendeu, atirou no

escuro, foi isso que aconteceu, então hoje se você pegar o assentamento, hoje o assentamento, ainda vem a natureza com dois anos que não chove e três perca seguida, tá difícil, se o governo hoje, se não tiver um grupo de pessoas e senta e fala vamos ver o que a gente vai fazer com o assentamento eu não sei amanhã o que vai ser, ou daqui 6 meses porque o povo está falido, na verdade o assentamento faliu, está falido. Eu falei pra você que o governo investe 3 alqueires mas esse ano nem 3 o povo vai poder tocar, porque? Está falido nas lojas porque as lojas confiaram em vocês, tá falido nos bancos que você pegou o crédito e não conseguiu manter lá e o governo não está investindo em você, agora as lojas abriram as portas você foi lá comprou semente adubo tudo no crédito, na boa vontade da loja com você, da três anos de seca, você está falido nas lojas, e agora? E meus filhos se quiser alguma coisa vai ter que ir pra cidade atrás de emprego, aonde já tem milhões atrás de um emprego, vai sair mais um daqui pra brigar pro um emprego. (PEDRO, 2014).

Porém ele reconhece que esse foi o melhor governo em relação a investimentos nos assentamentos, e destaca que foi no Governo Lula que o assentamento conseguiu muitas conquistas, pois até então o assentamento estava esquecido pelos Governos anteriores. Destacou em seu depoimento algumas medidas que o governo fez e que deu um ‘arranque de qualidade’ no assentamento.

Olha na verdade o governo Lula de reforma agrária, na verdade o seguinte, pra nós aqui se a gente fosse somar o governo Lula foi bom, de investimento deu um arranque, pra quem era assentado deu um arranque de qualidade, não tinha investimento, isso aqui bombou, bombou mesmo, investimento, dinheiro, você entrava no banco do Brasil e você era conhecido, só dava assentado só que não teve o tal do planejamento, daí a direita via como o Governo Lula tinha liberado essa potência de investimento nos assentamentos [...]. (PEDRO, 2014).

O assentado Pedro destacou também dois programas que foram de fundamental importância para os assentados:

Bom, um programa bom foi o de habitação. Essas casas aqui foram do Governo Lula. É tudo do Governo Lula. Então quer dizer, se você vê uma moradia dentro desse assentamento é tudo do Governo Lula, porque do Governo Fernando Henrique nós não recebemos nada, não tinha objetivo nenhum, daí o Governo Lula liberou. Essa casa eu construí com o dinheiro próprio do Governo, tudo do Governo, essa casa não teve um centavo meu. Foi 9 mil reais do Governo dele, que ele implantou habitação. Dos assentamentos novos mais ainda, porque como a gente era mais velho, ele implantou a reforma e pra quem não tinha condições foi construir e pro assentamento mais novo ele já fez um programa melhor além de dar a terra ele deu água encanada, deu casa, deu estrada, lote todo cercadinho, e mais um investimento de 25 mil reais parece cada família [...]. (PEDRO, 2014).

E também,

[...] o programa da CONAB³ (Companhia Nacional de Abastecimento) é um programa pequeno, mas é um dos melhores que

³ O programa da CONAB referido pelo entrevistado é o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), é um programa que surgiu fruto do Programa Fome Zero possui quatro eixos articuladores que são: o acesso

tem porque você sabe que você esta vendendo pro governo, você sabe que o dinheiro esta lá, você sabe que o preço é o preço do governo, é o preço de Ceasa, então olha a diferença, é 6 mil reais, mas é o que esta sustentando o assentamento hoje, e você sabe que você esta vendendo uma caixa de mandioca a 27 reais, daí você sabe que tem 6 mil reais pra entregar pra CONAB e o dinheiro esta lá [...] estou vendendo a caixa de mandioca a 27, ele pagam 0,90 centavos o quilo, e se eu transformar ela vai pra 3,80 o quilo, valoriza só de casca, daí é que eu faço pra vocês aonde é que entra a empresa no assentamento. Se eu tenho uma empresa no assentamento que pega minha mandioca e põe ela a vácuo, eu não vou vender a 0,90 centavos, eu vou vender no mínimo a 2,00 reais, e 1,80 já fica pra empresa, eu estou dobrando o meu valor, a empresa então ganhando em cima de mim, porque a empresa é nossa, e eu tenho uma garantia que eu vou receber ainda. [...] estamos aqui há 27 anos e nos não temos uma coisa dessa, era pra gente estar longe, não era pra nós estar querendo começar agora. (PEDRO, 2014).

Este programa, o PAA citado por Pedro foi uma das grandes vitórias no âmbito da produção e comercialização que os assentados tiveram no Governo Lula, pois o programa trouxe maior segurança nos processos de comercialização da produção dos agricultores familiares, pois agora os agricultores podem planejar suas atividades na perspectiva de maior previsibilidade, pois o programa ofertou-lhes a segurança de que seus produtos podem ser comercializados, gerando renda e minimizando possíveis desperdícios. Esses alimentos produzidos são adquiridos diretamente dos agricultores familiares ou de suas associações e cooperativas, o que exclui a presença de atravessadores, e são destinados à formação de estoques governamentais e vão para doação para as pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricionais.

A assentada Francisca é mais otimista em relação ao Governo Lula, ela faz sua avaliação comparando que antes nenhum governo tinha olhado pelo povo sem terra, sendo o Governo Lula o melhor governo que já existiu e ela diz,

Não tem nem o que fala, nós só teve governo depois que entro o Lula. Pra nós sem terra, não tem nenhum outro na história nesse país não existe, nasceu um e vai morrer ele, porque igual o Lula pra nós jamais, nossa, porque o cara fez coisa por nós que eu acho que governo nenhum faria, foi muito bom. E a Dilma nós aposta e vai fazer de tudo, porque nos queremos ela de volta [...] teve linha de crédito. Nós estávamos com muitas dívidas no banco, o governo só queria recebe da gente, foi o Lula entra, teve negociação, teve rebate de dívida, rebateu as dividas, saltou mais credito para o povão, foi para o Brasil inteiro não só para onde tivesse reforma agrária. Olha ele fez coisa do “arco da velha”. Tipo, bolsa família, porque ele falou que pra quem tem filho no assentamento não é o suficiente, a maioria que tem filho pequeno tem. Para nós foi bom demais, igual não teve não. (FRANCISCA, 2014).

Porem quando perguntada se ele conseguiu cumprir com as promessas que havia feito para a reforma agrária, a assentada Francisca me respondeu,

É um sonho né, é um sonho que quer demais, porque não adianta o Lula ganhar e já ter essa multidão na terra e ele colocar outro tanto maior ainda sem dar condições, é isso que eu falo, pra fazer uma reforma agrária, tem que ser igual ele fez, nós já estamos na terra, que estava tudo endividado, estava tudo ferrado, não pegava crédito em lugar nenhum, daí no lugar dele colocar mais gente ele foi rever a que estava sendo feito, agora, eu acredito assim, faltou mais anos, pra ele rever esse povo e conseguir colocar mais gente na terra, mas pra você ter ideia, teve muitos assentamentos que o Lula ainda pôs, não colocou muita gente, mas alguns assentamentos ele colocou e já não sofreu que nem nós, o pessoal já entrou com condições, já entrou com casa, com luz para todos, diferente da gente, os pouco assentamento que ele fez ele fez com dignidade para todos, e é isso que eu acho que é um bom governo, porque não adianta ele coloca uma multidão e não dar condições, mas o pouco que ele deu ele deixou com condições, isso ai pra mim é ser governo, agora se ele ia fazer milagre e bota tudo de uma vez não tem condições né, nós vivemos num país muito grande é mais pobre que rico. E outra coisa que eu gostei dele foi o setor da educação né, essa história de bolsista, nossa, quanta gente pega bolsa nessa vida, no assentamento mesmo quantas história não tem de filho de assentado com bolsa né, do PROUNI, curso técnico né, então deu oportunidade de tudo que foi forma né, que até então nunca tinha tido um governo assim, foi muito bom pra nós foi maravilhoso. (FRANCISCA, 2014).

Assim, na análise da assentada Francisca não havia outra maneira de se fazer as políticas de governo além da forma que foi feita por Lula, pois para ela e para os outros assentados também entrevistados não adiantaria nada o Governo Lula assentar mais uma multidão de gente assim como foi feito no Governo FHC, por exemplo, e simplesmente abandonar essas pessoas na terra, então, antes dele começar a assentar mais pessoas ele tentou fazer uma políticas para os assentamentos, com crédito, investimento, educação, etc., para depois ir assentando as famílias que estavam acampadas. Ela ainda destaca, como o assentado Pedro, que as famílias que nesse governo foram assentadas entraram na terra de uma forma mais digna, já conseguindo ter acesso ao crédito inicial para começar uma nova vida na terra.

A avaliação de Ana, liderança assentada sobre o Governo Lula é uma avaliação muito crítica sobre o que de fato aconteceu com a reforma agrária nesse governo, ela pontua a que houve mudanças, mas não foram às esperadas por essa população que sempre sonhou em ver a presidência um ‘candidato da gente’, porem, ela nos coloca a questão da correlação de força existente entre a agricultura familiar e agronegócio. Aqui retomando a uma discussão que OLIVEIRA (2008) faz quando escreve que a reforma agrária obedece a dois princípios básicos no Brasil que é, realiza-la em locais estratégicos que possa auxiliar o agronegócio e também não fazê-la em áreas de domínio do mesmo, onde eles conclui que a reforma agrária não tem como estar desvencilhada e sim, está diretamente acoplada à expansão do agronegócio no Brasil.

Na verdade é assim, o que a gente analisa é o seguinte, houve mudanças? Houve! Muitas mudanças pra melhor, mas ainda não é o que a gente sonhava, entende, porque a gente sonhava que ia conquista os créditos, ia conquista a reforma agrária de fato né, sem muito sofrimento, mas a gente teve muitas coisas, que o próprio partido, nem o plano do Padilha que houve muita dificuldade pra entra essa questão da reforma agrária no planejamento dele e se o Padilha não ganha e vai entrar outro é claro que ai vai ser pior mesmo, então

pronto, vai dificultar mais ainda, quanto se trata de Governo Federal é um Deus nos acuda [...] o Lula chama os prefeitos, a direção do movimento, sentava e conversava [...] quem conhece lá o congresso sabe o quanto de cobra que lá tem que agora na eleição fica tudo cordeiro, o bando de leão que agora vira tudo cordeirinho, que tão ali noite e dia maquinando, que é a questão do agronegócio, que estão envolvido com os deputados que esta lá, buzinando tudo dia, e ai a gente sabe como funciona o congresso, como funciona o senado, e se a gente não tem a maioria lá dentro, é obvial que vão engolir todas as nossas propostas de beneficio a luta dos camponeses e camponesas [...] o que a gente tem estudado no movimento como os companheiro que entendem do assunto é que nós estamos vivendo em um tempo muito difícil, sabe o tempo da pirâmide da igreja, la tava o papa, o bispo, o povo, então [...] Hoje na questão política e na luta pela reforma agrária estamos nessa pirâmide, lá em cima a bancada, os deputados federais, senados e tudo mais, os juizes [...] depois vem o agronegócio, e quem que esta mandando nesse agronegócio hoje são os grande parlamentares que estão lá dentro, porque é forte essa questão, tem muito dinheiro, tem muita grana, então eles tem contato com tudo quanto é investidor e também a nível internacional[...] depois chega lá embaixo, vem ai a agricultura familiar, que é onde em os projeto de PAA, PPAIS, vem para fazer com que essa agricultura familiar possa sustenta o agronegócio, porque essa agricultura familiar que tem os programas do governo, plano safra por exemplo, mas aqui nós não pega nunca, então vai pra quem, vai pra aqueles que de fato vão sustentar essa base que ta aqui no agronegócio, então a agricultura camponesa mesmo, essa que não consegue adquirir esses investimentos que saem nos grandes programas do governo, fica aqui produzindo pra entrega pros PAA da vida, que ajuda a agricultura familiar mas que não avança, porque nós não vamos conseguir chegar numa tecnologia avançada do jeito que esta ai, das grandes maquinas e daí nos vamos pegando as migalhas que vão entrando. (ANA, 2014).

Ana, liderança assentada me falou também da esperança que o MST tinha ao eleger Lula para presidente do país, pois sempre apoiou suas candidaturas, como por exemplo, para governador do Estado de São Paulo. Nossa entrevistada, petista desde a fundação do partido, relatou que o mesmo tem muito problemas no partido, mas se eu dia sair dele, não procuraria outro para se filiar e ligado a isso, nos falou sobre as coligações que ela denominou de ‘besta’ que Lula e o PT fizeram para conseguir se eleger, e assim, dando a mão ‘para Deus e para o Diabo’, e assim, muitos planos que o PT tinha foram paralisados. Ela relata também a parcela de culpa que a população, os movimentos sociais, os assentados, todos tem, ao não procurar, ao não questionar o que esta sendo feito e acreditar que apenas uma pessoa chegando à presidência conseguiria mudar o rumo da história da desigualdade social do Brasil. Em seu relato ela diz:

[...] tinha uma meta e não resolveu. Eu vejo assim que nessa luta toda que a gente teve pra colocar o Lula lá [...] quando chegamos a eleger ele a presidente, assim, foi uma alegria que não tem explicação né. Tinha o sonho que de fato ele fosse realizar todos os nossos problemas e que ia acabar principalmente com as mortes que existem né [...] a gente pensava assim, vai acabar com tudo isso, mas com o tempo a gente foi percebendo que é como se a gente tivesse num campo jogando uma bola e a gente ou ajudava ele a fazer os gols que a gente queria e pegar a vitoria ou a agente abandonaria e pronto e se decepcionava, foi o que aconteceu com muita gente que abandonou o

barco, que abandonou tudo, essas coligações bestas que ele andou fazendo e ai não conseguiu, em parte, o que a gente esperava, fez pouco, fez muito pouco [...] não conseguiu realizar o sonho que a gente queria que fosse realizado [...] e daí a pergunta sua é pertinente porque é culpa deles ou é culpa de quem? De quem é a culpa disso tudo? [...] a gente começa a perceber que está nas mãos nossas mesmo, não é culpa deles, eles poderiam até, a gente fala, “nossa é uma canetada só”, mas será que é mesmo uma caneta? O que está por trás de tudo isso? É preciso entender a política que que nós vivemos, é preciso entender antes da gente dizer alguma coisa que a gente não conhece a gente precisa entender primeiro, e é por isso que eu falo com o pessoal nosso, vamos procurar entender, quais os motivos que levaram, de quem é a culpa e de quem que não é, será que tem culpado ou não tem. Se nos brasileiros, se nós assentados, tivesse essa consciência e soubesse de fato votar, colocar as pessoas que de fato fosse defender nossos anseios é possível que tornaria mais fácil e a gente conseguiria outras coisas, vou te dar um exemplo muito claro que esta acontecendo aqui e retrata o que esta acontecendo em Brasília, nós lutamos 26 anos pra eleger um prefeito nosso, quando eu falo nosso eu estou falando do partido dos trabalhadores, pra ganhar agora nos tivemos que fazer coligação com o diabo entendeu, a gente teve que engoli pra poder ganhar a prefeitura [...] e outra nós não conseguimos se quer eleger um vereador do assentamento, pensa um negocio desse minha filha, como é que você fala lá da Dilma, do Lula, se nós aqui na nossa base nós não sabemos votar, você esta entendendo? [...] então você olha o quadro do estado e olha o quadro lá em cima, então de quem é a culpa? Está nas nossas mãos mesmo. (ANA, 2014).

Considerações Finais

Tivemos por objetivo contribuir com alguns aspectos da análise da questão agrária brasileira, com ênfase no período relativo ao Governo Lula. Para tanto, são analisadas as Políticas de Reforma Agrária do Governo Lula entre os anos de 2003-2010, e a visão acerca delas pelos protagonistas da luta pela terra no Estado de São Paulo. Tendo por referência a análise dos depoimentos dos acampados, assentados e lideranças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), do Assentamento Reunidas e do Acampamento Argentina Maria, localizados na cidade de Promissão/SP, observamos as semelhanças e diferenças de análises sobre Políticas de Reforma Agrária do Governo Lula de cada segmento entrevistado.

Partindo desses questionamentos, analisamos as temáticas levantadas nessa pesquisa e podemos observar que referente à reforma agrária os acampados tem uma ampla compreensão do que seria de fato uma reforma agrária. Destacam em suas falas que ela teria que ser algo mais concreto, pois na prática as ações da reforma agrária eles desconhecem, tanto é, que estão a 10 anos acampados. Dizem que as políticas públicas deveriam vir junto com a distribuição da terra, e falam sobre plantação e comercialização dos produtos vindos da terra, e da vida mais digna que se pode conquistar no campo. Já a liderança acampada é bem pessimista quanto à reforma agrária e as condições de vida que ela vem oferecendo aos assentados, pois em sua avaliação faltam incentivos e planejamento do Governo para ajudar os assentados a progredirem dentro da terra. Existem aqui convergências com o depoimento dos acampados quando falam da falta de políticas públicas eficazes.

Já os assentados nos levantam alguns pontos de reflexo como, por exemplo, de que a reforma agrária não é só dar a terra, mas sim dar condições para esses assentados viverem do cultivo da terra, que vai muito além de distribuição de terra. Ela deveria dar conta de fazer o jovem rural permanecer no assentamento, criando condições para que se os jovens quisessem permanecer na terra, eles pudessem e não ser a responsável como hoje, por expulsar os filhos dos assentados da terra e enfatiza a falta de políticas e planejamento que garantam a permanência no campo. A liderança assentada também compreende que não é só a distribuição de terra, sendo esse apenas o primeiro passo, e após a ele deveria existir investimento necessário para os assentados se sustentar na terra. Vale destacar aqui, sua fala que diz que a reforma agrária não é bem vista nem pelo próprio partido o PT, e que para passar no plano de governo foi um sacrifício.

Sendo assim, conclui-se que muitos deles se frustraram com as experiências que tiveram por causa da tão falada reforma agrária que eles buscam e/ou buscavam. Onde, eles nos colocam que a Reforma agrária não deveria englobar apenas terra, mas estar envolta de políticas públicas que viabilizariam o acesso ao conhecimento científico para garantir melhor e maior produção; políticas que garantiriam os créditos, planejamento e escoamento da produção para que as famílias pudessem trabalhar na terra com a certeza do retorno do investimento; políticas que levariam ao assentamento uma educação do campo; etc..

Ao adentrar nas questões relativas ao Governo Lula, os acampados nos disseram que não existiam auxílios para eles, e que não tiveram assistência com cestas básicas, ou a presença dos órgãos do governo. Reforçam em suas falas o abandono por parte do Governo, mas dizem que só a reforma agrária foi abandonada, porém o mesmo não aconteceu com os latifundiários. As promessas escutadas por esses acampados reforçaram a esperança que eles tinham que nesse governo finalmente teriam acesso a terra. E enfatizaram que foram promessas e promessas e na prática nada aconteceu. A liderança acampada também nos relatou as dificuldades e o abandono sentido por ele e pelas famílias pelas promessas desse Governo. Faz também a avaliação de que embora tenha feito pouco, o Governo Lula foi o melhor que já existiu.

Já os assentados tecem elogios ao Governo, pois através de algumas políticas públicas desenvolvidas no Governo Lula, hoje agricultor consegue ter pelo menos uma renda fixa, consegue produzir, escoar, e ter a garantia do recebimento. Relatam que esse foi o melhor governo em relação a investimentos nos assentamentos, trouxe muitas conquistas, pois até então o assentamento estava esquecido pelos Governos anteriores. Por outro lado, falaram que processo de conquista da terra é mais amplo do que eles pensavam, porque de nada adianta eles terem a terra, mas não terem como trabalhar e sobreviver dela, da mesma forma como não adianta liberar vários créditos, se esse dinheiro não vier respaldado de planejamento e técnicas que orientem os assentados. Assim, os assentados conseguiram acessar os créditos, mas não conseguiram garantir a eficiência na produção; existia dinheiro, mas não existia planejamento do que fazer com esse crédito liberado.

A liderança assentada também faz uma avaliação muito crítica sobre o Governo Lula, ela pontua que houve mudanças, mas não foram às esperadas por essa população que sempre sonhou em ver a presidência um 'candidato da gente', porém, ela nos coloca a questão da correlação de força existente entre a agricultura familiar e agronegócio. Nos relata também da esperança que o MST tinha ao eleger Lula para presidente do país e fala sobre as coligações 'besta' que Lula e o PT fizeram para conseguir se eleger, dando a mão 'para Deus e para o Diabo', deixando muitos planos que o PT tinha paralisados. Conclui seu depoimento indagando sobre a parcela de culpa que a população, os movimentos sociais, os assentados tem ao não questionar o que esta

sendo feito e acreditar que apenas uma pessoa chegando à presidência conseguiria mudar o rumo da história da desigualdade social do Brasil.

Assim, podemos concluir que entre acampados existe muita decepção com relação à demora ao acesso a terra e também com a não efetivação de políticas públicas onde eles sejam contemplados, onde, por exemplo, nesse governo eles relatam não terem recebido nem mesmo a cesta básica no acampamento e quando recebiam era uma ou duas por ano, nas palavras de João “Outra coisa, nós fala cesta mais não é completa, é 2 pacotes de arroz, 2 latas de óleo, feijão não precisa nem vir porque não cozinha de jeito nenhum, farinha de mandioca vem, agora leite é raro vim, farinha de trigo é raro vim e acabou (JOÃO, 52 anos), e assim, seus depoimentos expressão o abandono que os mesmos sentem por parte deste Governo.

Já os assentados se sentem contemplados com alguns programas do Governo, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), entre outros, mas ainda assim, os mesmos tecem críticas ao Governo porque acreditam que ele poderia ter contribuído mais para a realização da Reforma Agrária no Brasil, principalmente com um melhor planejamento das políticas de produção, comercialização e escoamento de seus produtos agrícolas.

No depoimento do assentado Pedro, podemos observar claramente essa análise que os assentados fazem, onde por um lado são gratos a esse governo por ter sido o primeiro governo que de fato olhou para os assentamentos e desenvolveu políticas para os mesmos, porém, restam neles um sentimento de ‘poderia ter feito mais’ pela Reforma Agrária.

Hoje eu falo assim gente foi difícil, mas o difícil não foi o processo, na verdade o difícil não é conquista ela, o difícil é permanecer em cima dela, porque conquistar, a conquista é até gostosa, porque você esta brigando por um objetivo, você pega energia de não sei onde mas você vai, só que depois que você assenta você vai ver que o problema é outro, pra você ficar em cima dele, para você realmente concluir o sonho que você tinha é muito mais complexo do que você imaginava. Aquele sonho bonito daqui de dentro que você tinha se torna o pesadelo no dia a dia da vida da gente. Hoje mesmo posso fala assim, eu to feliz conquistei no assentamento, conquistei minha terra, só que assim, nas condições de vida se você for por no papel, chega uma hora que você fala assim, que não vale a pena, porque você tem a terra, mas você não tem uma garantia de ficar em cima dela, de viver dignamente em cima dessa terra. Por mais que governo tenta nos ajudar mais não é o suficiente pra você realmente levantar uma bandeira e dizer isso deu certo. Daí você chega no final pensa poxa vida será que valeu a pena? Será que valeu a pena todo o sofrimento até hoje? Valeu a pena porque eu tenho a terra na mão, mas e as condições de vida sua? Mas mesmo assim eu garanto pra você que valeu a pena. Valeu a pena porque a trancos e barrancos hoje me casei no assentamento, conheci minha esposa dentro do assentamento, criei os meus filhos – meus filhos são tudo daqui – tenho meus filhos descente graças a Deus, tenho uma menina de 22 anos, outro de 21, 18 e 14, nenhum tem vicio de nada, né, então quer dizer, tem a menina se formando em psicóloga, tem outro rapaz se formando engenheiro, tem o outro rapaz enfermaria, coisa que se eu tivesse na cidade eu não tinha essas condições, eu não ia poder dar isso pra eles então quer dizer, se eu olho pro meu sitio e vejo que esta faltando investimento, mas por outro lado eu vejo um progresso no investimento em cima da família foi grande porque, a onde um assentado morando no sitio estava formando filho para engenheiro civil, né, então, a gente tem que somar

o bom com um pouco do ruim (o ruim não) , porque você esta em cima da terra, você tem sua casa, você esta livre de assalto, livre de um monte de coisa [...]. (PEDRO, 2014).

Ficou nítida também nas falas dos entrevistados, a diferença que eles perceberam no tratamento que o governo teve em relação aos assentamentos e aos acampamentos. Os acampados tem clareza de que o Governo Lula desenvolveu políticas públicas que melhoraram as condições de vida e o acesso a créditos nos assentamentos. Fazendo suas análises eles colocam essas ponderações de que para os assentados o Governo Lula foi bom, mas para eles que ainda aguardam a terra este mesmo governo foi desastroso. Os assentados entrevistados, também tem esse entendimento de que os acampados foram os menos favorecidos no Governo Lula, onde as políticas do governo foram voltadas quase que totalmente para os assentamentos.

As lideranças tanto acampadas quanto assentadas, também fizeram em suas falas essas mediações sobre como se desenvolveu as políticas de reforma agrária no Governo Lula, realizando uma análise muitas vezes crítica ao MST e ao Governo Lula, porém esses trazem junto com suas falas uma análise sempre mais global, que vai além do assentamento e acampamento pesquisado.

Em síntese, havia esperança para a realização da reforma agrária, pois ela estava respaldada por um governo que se dizia popular e defensor da mesma e a ele era creditado confiança devido a sua história de luta junto aos movimentos sociais e as classes oprimidas da sociedade. Somando-se a isso, a figura de Lula trouxe esperança, confiança e entusiasmos para os movimentos sociais, que por sua vez acreditavam que desta vez seria possível alterar, se não fossem nas bases, pelo menos com um pouco da estrutura arcaica de concentração fundiária brasileira.

Porem, segundo Gramsci, o Estado representaria “todo o complexo de atividades práticas e teóricas com os quais a classe dirigente não só justifica e mantém o seu domínio, mas consegue obter o consenso ativo dos governados” (GRAMSCI, 2000, p. 331). Nesse processo é que ocorre o esgotamento das energias sociais e das lutas travadas por esses movimentos, contribuindo para maior passividade da massa trabalhadora desorganizada e também, para a criação de uma situação política e ideológica francamente hostil às reivindicações democráticas e populares (BARATA, 2011).

Vale ressaltar aqui, os escritos de Oliveira após a vitória do PT, onde ele se debruçou sobre o que seriam os efeitos politicamente regressivos da hegemonia “lulista”, onde ele destacou que o governo “transformisticamente” absorveria as forças sociais antagônicas no aparato de Estado, que seria responsável por desmobilizar as classes subalternas e os movimentos sociais. Retomando os escritos de Gramsci, ele denominou de “Transformismo” o processo de absorção, pela classe dominante, de elementos ativos ou grupos inteiros, que pertenciam tanto à base aliada quanto a adversária. Assim, em relação às demandas dos movimentos sociais neste governo, pudemos observar, que a política afastou-se dos embates hegemônicos travados pelas classes sociais antagônicas, refugiando-se na sonolenta e desinteressante rotina dos gabinetes, não existindo mais aqueles árduos conflitos como em outros governos. Em suma, a chegada ao poder do PT não significou a ruptura com a hegemonia neoliberal, mas sim a afirmação na política macroeconômica, e sem dúvida a neutralização da maioria dos movimentos sociais. Estaríamos aqui vivenciando o que Gramsci denominou de transformismo, que nada mais é que a cooptação pelo bloco do poder, que é o bloco ou composição de classe histórico que comanda uma nação.

Assim, analisando o transformismo do PT, compreendemos que o partido abandonou bandeiras históricas da classe trabalhadora para tomar a frente da

deslegitimação de lutas populares, cooptando seus dirigentes e trabalhando para engessar o direcionamento desses movimentos. Isto tudo é possível, na medida em que o PT foi construindo uma bandeira de governabilidade, que levou a classe trabalhadora políticas estritamente defensivas. Porém não se pode deixar que o transformismo do PT acarrete no abandono das perspectivas de luta, onde esse assumiria um discurso hegemônico como o único possível.

Através da fala da assentada Janaina acredito que conseguiremos compreender ainda mais o sentimento que perpassa esses acampados, assentados e lideranças do MST sobre o Governo Lula. Assim, Janaina sintetiza bem em suas palavras, as falas que perpassaram esse trabalho sobre as Políticas de Reforma Agrária do Governo Lula, e ela diz:

A meu ver, sim o governo deixou esse sentimento de vazio de verdade, em algumas questões sim melhorou algo, mas foi igual aquela questão que o pessoal diz ‘pai dos pobres e mãe de ricos’, tipo da às migalhas pra nós, para que calemos as nossas bocas, mas continua dando mais pros ricos, então é bem essa visão que eu tenho e que a grande maioria tem, que o pessoal mesmo tem, foi bastante decepcionante [...] tipo o movimento agora apóia o governo Dilma porque é ruim com ela mais é pior sem ela, mas ademais a questão é que por mais que um tente fazer algo também não tem tantas possibilidades assim porque o Senado é que decide tudo, o Presidente não decide quase porra nenhuma. (JANAINA, 2014).

Sendo assim, avaliando o Governo Lula, pode-se concluir que suas políticas foram ruins ou abaixo das expectativas com relação à reforma agrária. Independentemente da realização de políticas tais como, o PAA e o PNAE. Devemos destacar que eles são programas muito pequenos perto do que poderia ser feito pelo Governo no âmbito das Políticas Públicas. Onde, mais uma vez o Governo realizou políticas públicas de reforma agrária a conta gotas para os acampados e assentados, e em contra partida a isso, incentivou com créditos e financiamentos o agronegócio.

É necessário compreender também as disputas entre os sujeitos sociais, onde, de um lado temos o grande capital, que pode ser representado pelo agronegócio. Esse, por sua vez, utiliza-se de seu território a fins de produção de mercadoria prioritariamente para o mercado externo, como as *commodities* e recebem altos incentivos financeiros do Estado por meio de políticas que financiam esse modelo de produção, e do outro lado, a presença dos agricultores familiares que possuem práticas diversificadas na policultura que resultam numa paisagem heterogênea de seus territórios que viabiliza também sua sobrevivência no campo, onde utilizam prioritariamente de trabalho familiar, onde, por exemplo, estão localizados os assentamento rurais.

Porém, o Estado brasileiro tem em suas mãos a tarefa de promover a imagem desenvolvimentista do agronegócio, a medida que, por outro lado, camufla questões estruturais do modelo econômico atual, como a concentração fundiária, os conflitos dos movimentos sem-terra e desestabilização os cultivos tradicionais. Assim, durante o Governo Lula, mesmo diante da conjuntura internacional favorável ao desenvolvimento da economia nacional, a postura macroeconômica assumida seguiu a lógica destacada acima, vindo a limitar o desenvolvimento do país, perdendo a extraordinária oportunidade de retirar o Brasil da trajetória de instabilidade e crise e colocá-lo numa trajetória de desenvolvimento econômico dinâmico. Pode-se afirmar, então, que não houve um avanço em termos industriais com relação à inserção da economia brasileira no comércio internacional, na qual as exportações continuam sendo de produtos de

baixa e média capacidade tecnológica, bem como de produtos não industrializados (FILGUEIRAS E GONÇALVES, 2007).

Conclui-se, portanto, que mesmo sem o devido apoio das políticas públicas o campesinato no Brasil continua resistindo à expansão do agronegócio, que ao mesmo tempo em que enfraquece porções do campesinato, faz com que o mesmo também crie estratégias de sobrevivência dentro dessa lógica de produção, pois, a potencialidade de produção agrícola do campesinato é evidente, apesar de todos os desafios e problemas enfrentados por ele frente à territorialização do atual modelo de desenvolvimento do campo brasileiro.

Assim, propusemos entender quais foram as Políticas de Reforma do Governo Lula para a realização da Reforma Agrária no Brasil, entre os anos de 2003-2010. Obtivemos clareza das mudanças nas ações adotadas respectivamente no primeiro e segundo mandato, onde nesse se instaurou o que segundo Oliveira (2013), denominou como Contra-Reforma Agrária. Desta forma, pode-se perceber que as propostas e promessas eleitorais não se efetivaram, gerando um pacto ainda maior com o agronegócio em detrimentos dos movimentos sociais de luta pela terra, e consequentemente, a não realização da reforma agrária, e instauração de uma Contra-Reforma Agrária, aumentou ainda mais a concentração fundiária em nosso país.

Cabe ainda destacar que as questões levantadas nesse trabalho não se esgotam todas as questões. O tema que nos propusemos analisar demanda maior aprofundamento e uma investigação mais ampla em virtudes das consequências econômicas e sociais, fruto das políticas inacabadas de reforma agrária, que envolvem não só os movimentos sociais de luta pela terra, neste caso o MST, mais também a análise de outros segmentos tais como o agronegócio, o Estado e a sociedade civil.

Referências

- BARATA, G. **Antonio Gramsci em contraponto**. São Paulo: Unesp, 2011.
- FILGUEIRAS, L; GONÇALVES, R. **A economia política do governo Lula**. Rio de Janeiro, Editora Contraponto. 2007.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. v. 2. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- OLIVEIRA, A. U. **A política de reforma agrária no Brasil**. Land Action Network. Disponível em: <<http://www.landaction.org/spip.php?article529&lang=en>>. Acesso em: 20 set. 2013.
- _____. Não Reforma Agrária e Contra Reforma Agrária no Brasil do governo Lula. **Dinámica de los Espacios Rurales y Sustentabilidad: Articulaciones del espacio rural**. 2013. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal13/Geografiasocioeconomica/Geografiaagraria/04.pdf>> Acesso em: 24 jul.2014
- QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- SILVA, E. L. da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.
- SIMONETTI, M. C. L. Territorialidades em tensão: movimentos sociais, agronegócio e políticas de reforma agrária no Brasil entre 1985 a 2010. In: CORSI, F. L. (et al.) (Org.). **Economia e Sociedade: o Brasil e a América Latina na conjuntura de crise do capitalismo global**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.